

ANÁLISE DESCRITIVA DA AQUISIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS LINGUÍSTICOS EM CRIANÇAS DE IDADE PRÉ-ESCOLAR¹

Ao contrário daquilo que acontece com outras línguas, a informação relativa à aquisição da língua portuguesa por crianças em idade pré-escolar é bastante reduzida. Com esta pesquisa pretende-se contribuir para a obtenção deste tipo de informação, bem como para a elaboração de dados normativos. Mais especificamente proceder-se-á à análise dos níveis semântico-estrutural e morfo-sintático da produção linguística de 105 rapazes e raparigas com idades compreendidas entre os três e os seis anos, aos quais foi pedido que contassem uma história com base nas ilustrações de um livro infantil.

A análise semântico-estrutural teve em consideração as seguintes categorias: substantivos, adjectivos, verbos, artigos, advérbios, conjunções e preposições. A análise morfo-sintática focou a produção média de palavras e de monemas por enunciado (MLU), os enunciados sem verbo, os tipos sintáticos, a complexidade sintática, as vozes activa e passiva e os tempos e modos verbais. A discussão dos resultados torna em consideração a diferença entre os grupos etários.

Enquanto que até aos 24 meses de idade a criança desenvolve essencialmente a base cognitiva sensório-motora, após os 18 meses ela vai desenvolver paralelamente a sua capacidade de associar significados (conceitos) e representações linguísticas (significantes) através daquilo que PIAGET denomina de Função Simbólica.

A criança vai proceder ao desenvolvimento linguístico ulterior pela sua capacidade de juntar, numa primeira forma de expressão combinatoria, duas ou três palavras, que vão assegurar a expressão de relações semânticas. Estas relações semânticas são classificáveis em diversas categorias como por exemplo, a relação de atribuição: *pópó papa* (o carro do pai); a relação de existência: *ito pópó* (isto é um carro), etc. (BROWN, 1973). Esta forma de expressão linguística é, no entanto, definida pela ausência das ditas *palavras funcionais* (artigos, preposições, conjunções, pronomes e auxiliares) e pela ausência de qualquer *flexão* (modificação morfológica correspondente ao acordo em género, número, pessoa, tempo e aspecto verbal). É por esta razão

Sylviane Angèle Rigole
Neves

Escola Sup. Ed. do Porto

Orlanda Maria Silva R
Cruz

Fac. Psicologia e C. de Ed.
Un. do Porto

que os psicolinguístas chamam a esta fase de *Linguagem Telegráfica* — as crianças limitam-se a exprimir palavras-chave portadoras de sentido semântico (substantivos, adjectivos, verbos de acção).

Numa fase subsequente, o desenvolvimento linguístico vai proceder por complexificação progressiva do Sintagma Nominal (SN) e do Sintagma Verbal (SV).

O alargamento progressivo do SN, além de uma diversificação por adjunção de traços semânticos e de um aumento quantitativo de vocabulário, vai consistir no desenvolvimento da utilização dos artigos, dos pronomes, das preposições, das conjunções e dos advérbios², ou seja, num recurso progressivo às palavras funcionais, associado a uma mestria dos acordos morfológicos para exprimir mais e melhores relações semânticas.

O desenvolvimento do SV prosseguirá pela adaptação progressiva das formas verbais, ou seja, um domínio cada vez mais apurado da morfologia, com o aparecimento das *generalizações abusivas* (ex.: *Eu fazi*) que são os sinais visíveis do trabalho interno de apropriação das regras subjacentes ao desenvolvimento morfológico.

Paralelamente a estes progressos em semântica estrutural e em morfologia, a criança está a desenvolver as duas funções principais da linguagem: a idéica (transmitir, tratar a informação, representar a realidade) e a interpessoal (agir sobre o outro), funções às quais correspondem as várias modalidades do discurso, surgindo assim os vários tipos sintáticos.

Finalmente a criança vai também aprender a marcar sintaticamente as relações entre as diferentes orações que constituem o enunciado (é de referir que o enunciado é uma unidade que pode ser inferior, igual ou superior à frase). Esta aprendizagem efectua-se no início (logo a seguir à linguagem telegráfica) pelo domínio total da *Parataxe*, definida pela utilização de enunciados simples (até sem verbo), da justaposição ou da coordenação simples pelo meio de conjunções como *e*, *pois*, e *depois*. A Parataxe vai dominar o discurso complexo até aos quatro anos de idade mais ou menos.

Poderemos a seguir observar uma fase de transição com as *falsas subordinadas* às quais falta a parte final da oração principal (ex.: o bebé que caiu). Por fim, a criança entra na *Hipotaxe*, que representa a marcação sintática da subordinação no discurso complexo. Esta forma de expressão, devido à sua complexidade cognitiva e linguística terá um desenvolvimento lento e progressivo durante o desenvolvimento dito *tardio* da linguagem (aproximadamente dos 5/6 aos 12 anos) (RONDAL, 1978).

O objectivo deste estudo consiste na observação quantitativa do aparecimento de várias formas linguísticas. Assim, *ao nível semântico-estrutural* concentraremos o nosso estudo sobre as seguintes categorias linguísticas, ao nível do eixo paradigmático: substantivos, adjectivos, numerais, advérbios e verbos.

Ao nível morfológico, trataremos das várias palavras funcionais tais como artigos, preposições, conjunções, pronomes, interjeições e modos verbais, assim como o índice mais válido de desenvolvimento morfológico, o MLU³ — comprimento médio por enunciado. Para maior precisão, compararemos aqui o MLU em palavras (produção média de palavras por enunciado) com o MLU em monemas (produção média de monemas por enunciado), sendo o monema a unidade linguística mínima com significado semântico ou gramatical.

No que diz respeito ao *desenvolvimento sintático*, referente ao eixo sintagmático, consideraremos os vários tipos sintáticos (declarativa afirmativa, declarativa negativa, interrogativa, exclamativa, imperativa), as vozes (activa e passiva) e os tipos de enunciados (sem verbo, simples, coordenados e subordinados).

Como índice do desenvolvimento progressivo linguístico limitamo-nos aqui ao estudo quantitativo das várias noções mencionadas, procedendo a análises inter-categorias e inter-grupos etários. O seu estudo qualitativo será objecto de uma segunda etapa desta investigação, aliás já iniciada. Nesta segunda etapa está prevista uma comparação interlinguística (português versus outras línguas europeias) das várias categorias linguísticas citadas em termos desenvolvimentais, assim como um estudo mais aprofundado do aparecimento dos artigos (determinantes) e uma análise da qualidade semântica das várias categorias utilizadas pelas crianças portuguesas.

METODOLOGIA

Amostra

A amostra deste estudo é composta por 105 crianças de ambos os sexos e pertencentes a quatro grupos etários: dois anos e meio a três anos e meio; três anos e meio a quatro anos e meio; quatro anos e meio a cinco anos e meio e cinco anos e meio a seis anos e meio. Passaremos a designar estes grupos simplesmente por 3, 4, 5 e 6 anos, para maior comodidade. A escolha destes grupos etários prende-se com argumentos teóricos e argumentos metodológicos. De facto, do ponto de vista teórico, aos dois anos a criança encontra-se na fase imediatamente anterior aos primeiros *porquês*, característica cognitiva e linguística do desenvolvimento da Parataxe. Antes desta idade a criança não demonstra ter um desenvolvimento linguístico a um nível que lhe permita exprimir-se com uma certa fluência verbal. Por outro lado, aos seis anos, a criança já resolveu com sucesso a passagem da Parataxe à Hipotaxe e começa a utilizar com uma certa regularidade frases sintaticamente mais complexas. Pensamos assim apanhar um leque tão variado quanto possível de capacidades linguísticas em desenvolvimento.

No que diz respeito aos argumentos metodológicos, as faixas etárias consideradas neste estudo correspondem geralmente para as crianças portuguesas à sua frequência do jardim de infância.

No quadro 1 aparece representada a distribuição da amostra por sexo e por grupo etário sendo também descritos a idade média e o desvio-padrão por grupo etário.

Quadro 1 — *Distribuição da amostra por sexo e por grupo etário; idade média e desvio-padrão.*

Grupo etário	Masculino	Feminino	Total	Idade Média	D.-P.
3	13	14	27	37.63	3.63
4	15	13	28	48.79	2.95
5	13	13	26	59.65	2.79
6	11	13	24	69.88	2.64
Total	52	53	105		

Aquando da colheita dos dados, todas as crianças da amostra frequentavam os jardins de infância localizados na cidade do Porto. Não tendo sido aplicada nenhuma prova de avaliação formal, só foram porém escolhidas crianças consideradas como sendo saudáveis e possuindo um nível de desenvolvimento dentro da norma.

Material

Para atingir os objectivos propostos foram seleccionados cinco livros infantis que pretendem narrar histórias muito simples e de alguma maneira relacionadas com a vivência do dia a dia das crianças. Apenas dois destes livros tem legendas, sendo em ambos os casos legendas muito curtas¹. As figuras são bastante coloridas e portanto estimuladoras da atenção da criança, as páginas são plastificadas, fáceis de manusear e com dimensões aproximadas de 25 por 25 centímetros.

Procedimento

Os experimentadores foram os alunos do 2.º ano da Licenciatura em Psicologia de dois anos lectivos sucessivos (1987/88 e 1988/89), já que a recolha das histórias contadas pelas crianças foi feita em dois momentos. Esta recolha teve lugar nos jardins de infância onde os alunos se deslocaram para frequentar as aulas práticas da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento relativas à observação de crianças em idade pré-escolar.

O pedido feito à criança pelos experimentadores para contar uma história surgiu num contexto mais amplo de observação do desenvolvimento da criança — situações de observação do desenvolvimento da motricidade global e da motricidade fina, do jogo simbólico, do jogo de regras e do desenho eram igualmente colocadas à criança. Em geral, a contagem da história era feita num local mais silencioso, num canto da sala ou mesmo fora desta mas não muito longe, evitando assim sentimentos de insegurança por parte da criança. Os experimentadores começavam por apresentar o livro à criança, mostrando que havia várias folhas a ver e tentando assim motivá-la para a tarefa. A instrução verbal utilizada era a seguinte: «Vais-me contar uma história, está bem? Diz-me lá o que estás a ver aqui neste livro.»

A partir deste primeiro momento os experimentadores apenas intervinham para responder a perguntas postas pelas crianças ou para encorajar a sua participação activa, utilizando reforços verbais. Tentava-se assim, maximizar a produção verbal espontânea da criança e minimizar a intervenção sugestiva do experimentador. Se as crianças permanecessem caladas, o experimentador tinha instruções para não insistir, se possível fazendo uma segunda tentativa mais tarde. Esta situação experimental é intermediária entre uma situação de observação do discurso espontâneo (que, para ser proveitosa, envolve a utilização de material de gravação sofisticado) e uma situação estruturada na qual se pede às crianças para realizar tarefas específicas, bem delimitadas, de tipo laboratorial como, por exemplo, completar e corrigir frases.

A gravação da história contada pela criança foi feita em gravador audio, sendo a sua transcrição igualmente feita pelos alunos. Numa amostra total de 121 transcrições, 15 foram eliminadas ou por intervenção abusiva do experimentador ou por falta de elementos de identificação da criança.

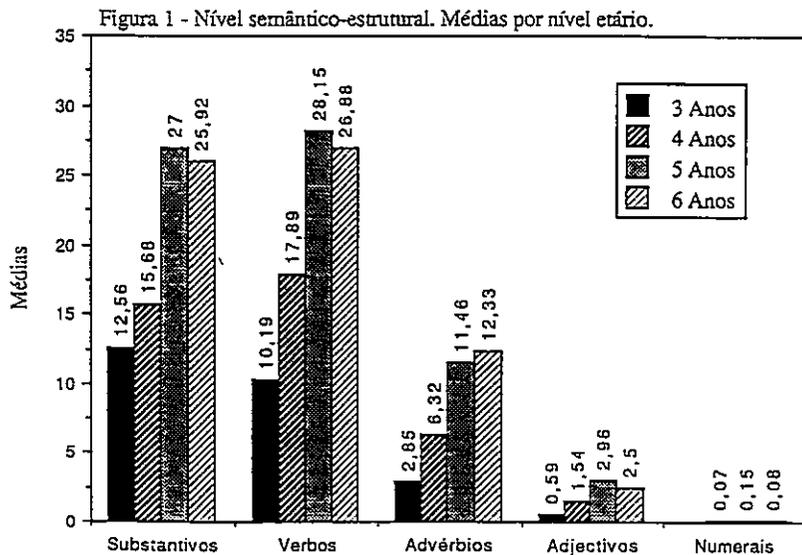
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A apresentação dos resultados será feita de acordo com os três níveis de análise atrás mencionados: (1) nível semântico-estrutural; (2) nível morfológico e (3) nível sintático. Dentro de cada nível procedeu-se a uma análise inter-grupos etários (*Análise*

da variância) e a uma análise inter-categorias (*Teste T para grupos emparelhados*). Foi utilizado o Programa Starview 512+™ do Macintosh SE. De referir ainda que os valores obtidos por categoria incluem não só a diversidade das palavras utilizadas pelas crianças como também as suas repetições.

1. Nível semântico-estrutural

As cinco categorias representadas na figura 1 apresentam valores crescentes de grupo etário para grupo etário com excepção do grupo dos seis anos em que os valores são inferiores aos do grupo dos cinco anos, exceptuando-se aqui a categoria *advérbios*. A diferença entre os três e os quatro anos, bem como a diferença entre os cinco e os seis anos não aparece como significativa em qualquer das categorias deste nível. É de referir ainda que a categoria *adjectivos* apenas se diferencia significativamente nos grupos de três e cinco anos e de três e seis anos. Os numerais aparecem porém muito pouco representados em qualquer grupo etário, sendo a diferença significativa apenas entre os grupos de três e cinco anos.



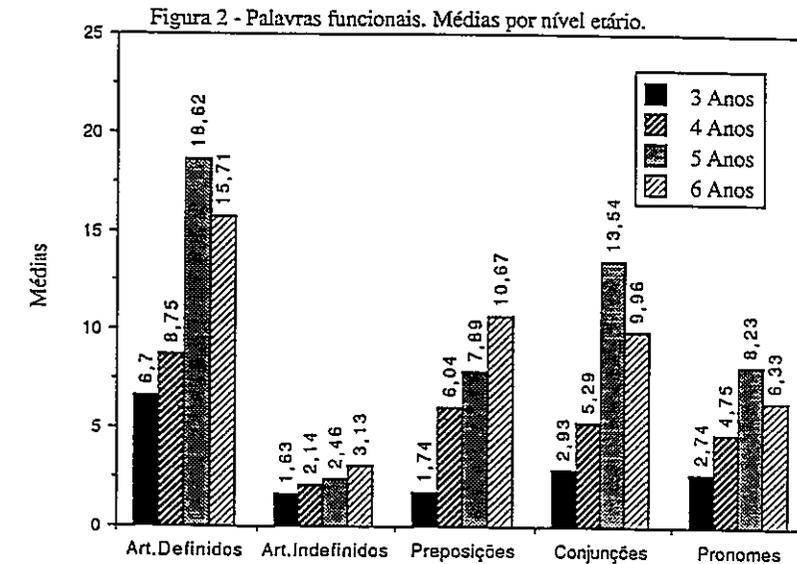
As categorias *substantivos* e *verbos* (cujas médias não diferem de forma significativa) predominam largamente sobre as dos *advérbios*, *adjectivos* e *numerais*. Os *verbos* predominam sobre os *substantivos* com excepção do grupo dos três anos. Isto parece-nos significativo da proximidade deste grupo etário em relação à

holofrase e à primeira linguagem combinatória, onde predominam os *substantivos*. Os *advérbios* ultrapassam os *adjectivos* em todas as idades e de forma significativa.

2. Nível morfológico

2.1. Relativamente às *palavras funcionais* (figura 2) constata-se também uma evolução de grupo etário para grupo etário, com excepção do grupo dos seis anos nas categorias *artigos definidos*, *conjunções* e *pronomes*. Mais uma vez as diferenças entre os grupos de cinco e seis anos (exceptuando-se as *preposições*) não são significativas. Estes resultados, acrescidos aos da figura anterior são indicativos de uma menor complexidade linguística do grupo dos seis anos, o que comentaremos no final.

A predominância estatisticamente significativa dos *artigos definidos* é uma constante tanto intergrupos como intercategorias de *palavras funcionais*. Os *artigos indefinidos* constituem a categoria que apresenta uma evolução menor, só aparecendo como significativa a diferença entre os grupos de três e seis anos.



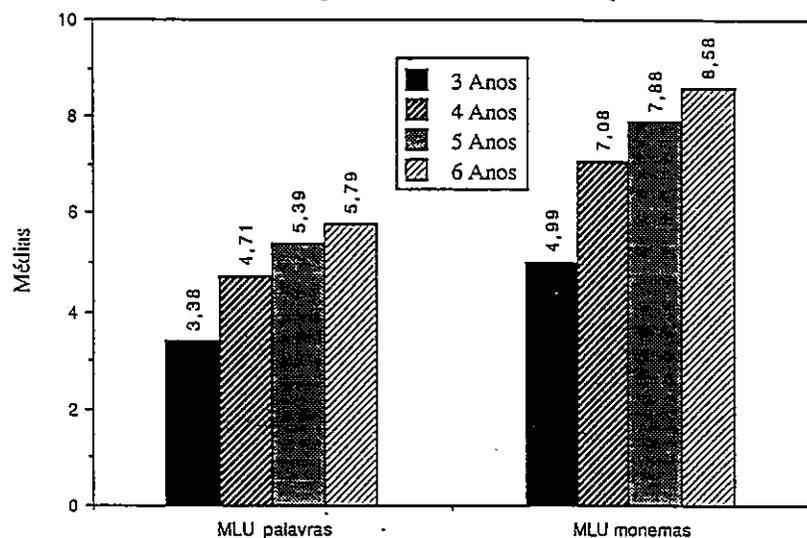
A evolução na utilização das *preposições* entre os três e os seis anos (menos nítida entre os quatro e os cinco anos) traduz uma complexificação intra-sintagma nominal bastante acentuada apesar da utilização das *conjunções* aumentar também regularmente (mas de forma marcada entre os quatro e os cinco anos), parece-nos que esta traduz não só uma complexificação intra-sintagma nominal (coordenação entre

duas palavras do mesmo valor pela conjunção e), mas também uma sinalização das ligações entre as orações (evolução no discurso complexo da justaposição para a coordenação de enunciados, dentro da parataxe).

Os pronomes desenvolvem-se também de uma forma regular inter-grupos etários, sendo o salto mais brusco (estatisticamente significativo) entre os quatro e os cinco anos.

2.2. Os estudos têm mostrado que o MLU é um bom índice de desenvolvimento linguístico, pelo menos até ao valor 4.00. Se combinarmos a idade cronológica com o MLU teremos um preditor ainda melhor (BROWN, 1973). A partir dos seis anos o MLU de palavras deixa de ser fiel porque a linguagem então produzida corresponde mais a uma característica pessoal do que a uma competência linguística.

Figura 3 - MLU de palavras e de monemas. Médias por nível etário.

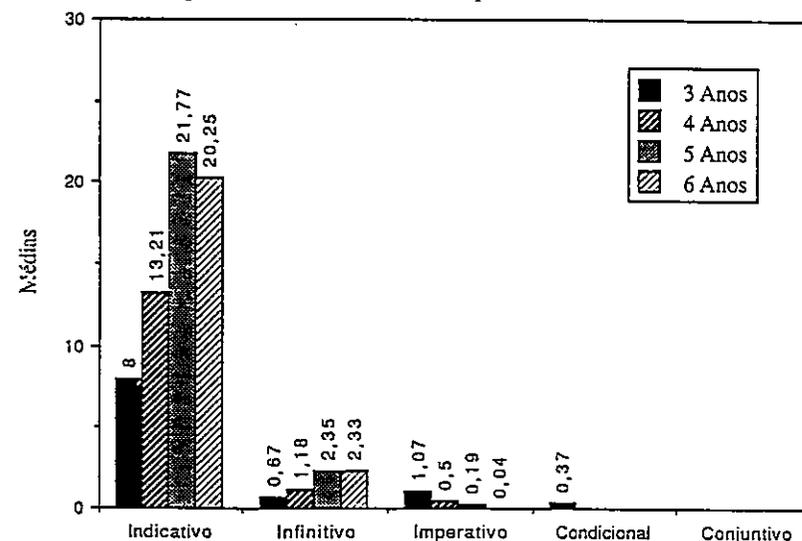


A figura 3 mostra-nos que, quer o MLU de palavras, quer o MLU de monemas, aumentam de forma significativa entre os três e os cinco anos; as diferenças entre os cinco e os seis anos não são, mais uma vez, significativas. O desenvolvimento morfológico representado pelo MLU de monemas segue paralelamente o desenvolvimento do comprimento dos enunciados, não sendo porém significativa a evolução entre os quatro e os cinco anos nem entre os cinco e os seis anos.

2.3. A análise da utilização dos *modos verbais* (figura 4) mostra-nos que o modo maioritário é sem dúvida o *indicativo*, quer intra, quer intergrupos. A sua

utilização aumenta sensivelmente com a idade, não sendo as diferenças significativas entre os três e os quatro anos, e os cinco e os seis anos. O *infinitivo* apresenta o mesmo padrão de resultados, mas em proporções muito menores. O *imperativo* vai decrescendo regularmente com a idade, sendo unicamente significativas as diferenças entre os três e os cinco anos, e os três e os seis anos. Atribuímos este facto à supressão quase total da expressão *Olha!*, a qual interpretamos como uma tentativa da parte da criança para chamar à atenção do seu receptor ou para refocalizar a sua própria atenção.

Figura 4 - Modos verbais. Médias por nível etário.

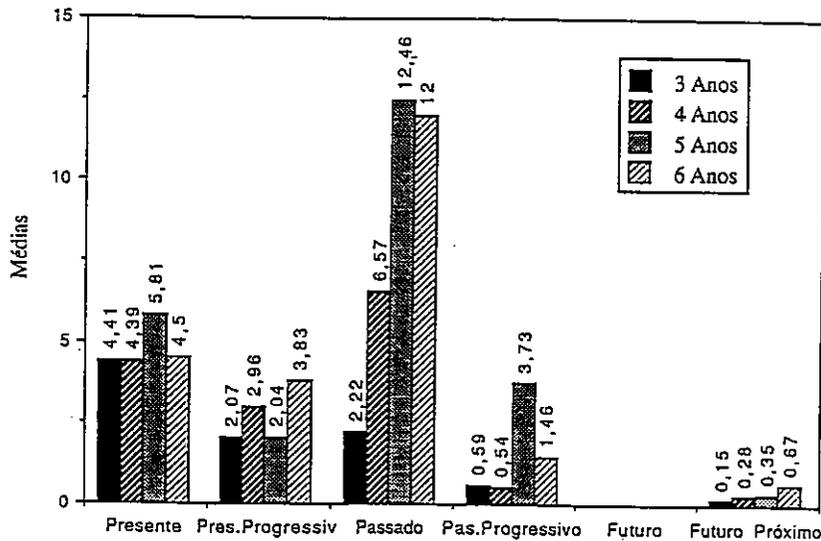


Os outros dois modos (*condicional e conjuntivo*) não são significativos nem evoluem com a idade. É provável que a situação da narração da história não seja a mais favorável para a utilização de outros modos que não o indicativo.

2.4. Considerando agora a utilização dos *tempos verbais* (figura 5), é de salientar que o *presente* segue uma evolução pouco marcada de grupo etário para grupo etário, enquanto que o *presente progressivo* segue um padrão de evolução pouco consistente. A diferença entre os grupos etários não é significativa em qualquer dos casos. Por outro lado, o *futuro* está ausente, enquanto que o *futuro próximo* apresenta valores muito baixos, não sendo a evolução de grupo para grupo significativa. É provável que estes resultados estejam relacionados com a dificuldade que as crianças destas idades manifestam em projectar as acções num tempo futuro. Por outro lado, pensamos que a situação experimental proposta não é a mais sugestiva para a produção deste tempo verbal.

Porém, parece-nos que o mais notável é a evolução muito rápida da utilização do *passado* e do *passado progressivo*, a qual culmina no grupo dos cinco anos. As diferenças são significativas entre os grupos de três e cinco anos, três e seis anos, e quatro e cinco anos para o *passado* e entre os grupos de três e cinco anos, quatro e cinco anos, e cinco e seis anos para o *passado progressivo*, destacando-se assim o grupo de cinco anos de todos os outros grupos. Parece-nos que isto é explicável pela mestria progressiva das marcas morfológicas e aspectuais dos verbos. De facto, o *passado* é o tempo por excelência da narração.

Figura 5 - Tempos verbais. Médias por nível etário.



Em conclusão, aos três anos o presente é o tempo mais utilizado, enquanto que nas idades seguintes o passado domina todo o discurso narrativo.

3. Nível sintático

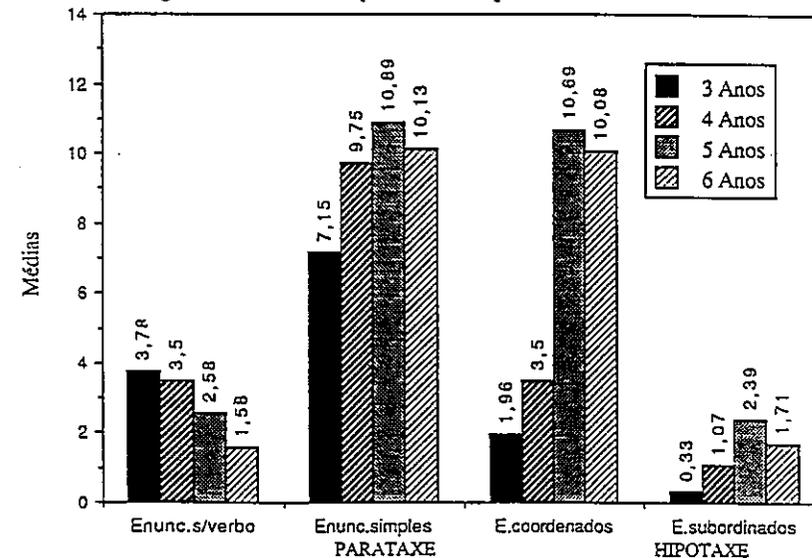
3.1. Em relação à evolução do *discurso complexo*, a leitura da figura 6 mostra que o aumento progressivo dos *enunciados simples* é acompanhada de uma diminuição progressiva da utilização dos *enunciados sem verbo*, sendo a diferença entre os três e os seis anos a única significativa.

A nível da utilização dos *enunciados coordenados* verifica-se um aumento brusco dos três aos cinco/seis anos que é coincidente com o aumento atrás verificado na utili-

zação das conjunções. De facto, tanto na categoria sintática como na categoria morfológica as diferenças inter-grupos apenas não são significativas nos grupos extremos — três e quatro anos, e cinco e seis anos.

As *orações subordinadas*, se bem que em proporção muito inferior à dos enunciados simples e coordenados, mostram também um aumento brusco nestas mesmas faixas etárias, sendo a diferença significativa entre os grupos de três e cinco anos. De notar que o grupo dos seis anos se apresenta mais uma vez com valores inferiores aos do grupo dos cinco anos.

Figura 6 - Discurso complexo. Médias por nível etário.



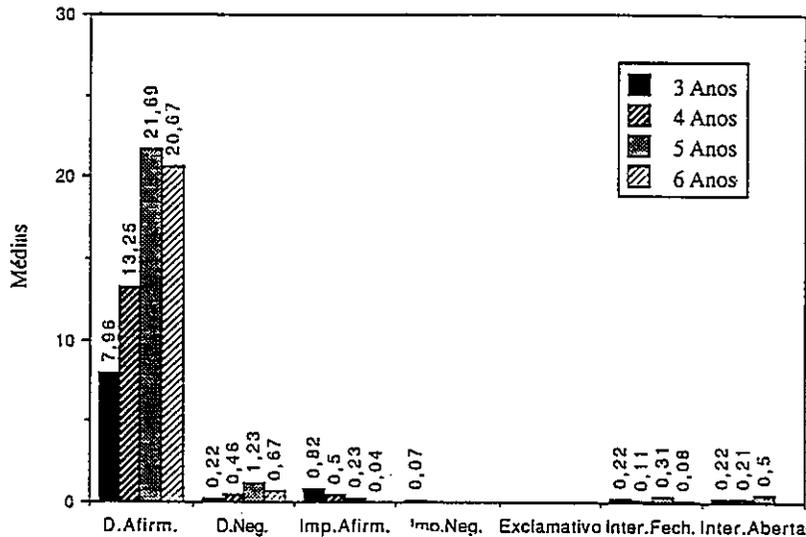
Quer se trate da parataxe, quer se trate da hipotaxe, o grupo dos cinco anos distingue-se dos outros grupos pelo salto brusco tanto a nível quantitativo, como a nível qualitativo. De facto, as crianças desta idade têm à sua disposição mais e melhores formas de discurso.

3.2. A nível dos *tipos sintáticos* (figura 7), verifica-se que a utilização do *declarativo afirmativo* é consideravelmente superior à produção de qualquer outro tipo sintático e aumenta sensivelmente com a idade, sendo significativas as diferenças inter-grupos com excepção mais uma vez dos grupos extremos (três e quatro anos, e cinco e seis anos). O tipo sintático *declarativo negativo* apresenta também um aumento ao longo da idade se bem que com valores bastante inferiores, sendo a diferença entre os três e os cinco anos a única significativa.



Este predomínio do tipo sintático declarativo sobre os outros tipos parece-nos traduzir uma certa proximidade da declaração com a fase anterior da nomeação, sendo esta última a afirmação da existência ou não de um objecto. O tipo declarativo corresponde a uma forma mais elaborada de uma primeira transmissão simples da informação (ou seja, enumeração).

Figura 7 - Tipos sintáticos. Médias por nível etário.

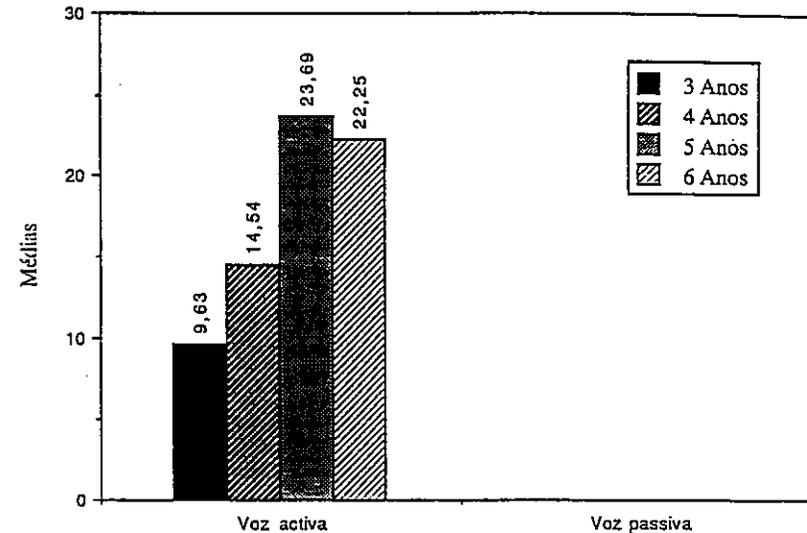


Mais uma vez se verifica a diminuição (significativa entre o grupo dos três anos e os outros grupos) do tipo sintático *imperativo* (afirmativo e negativo) com a idade, tal como foi já constatado atrás aquando dos modos verbais.

Os dois restantes tipos sintáticos (*interrogativo, aberto e fechado, e exclamativo*) não apresentam valores suficientemente elevados a ponto de justificar uma análise mais aprofundada. De notar apenas uma tendência para o seu aumento ao longo da idade. Mais uma vez pensamos que a situação experimental não foi elicitadora da utilização destes tipos sintáticos.

3.3. Aquando da análise da utilização das vozes (figura 8), verificou-se uma ausência total da *voz passiva* tal como seria de esperar. Como justificação é de considerar dois aspectos: (1) maturação tanto a nível cognitivo como a nível metalinguístico (factor interno); (2) quase inexistência no modelo adulto da voz passiva no discurso espontâneo dirigido à criança antes dos seis anos (factor externo).

Figura 8 - Vozes. Médias por grupo etário.



A evolução da *voz activa* ao longo dos quatro grupos etários corresponde ao aumento verificado na produção dos enunciados. As diferenças inter-grupos são todas significativas com excepção mais uma vez dos grupos extremos. A diferença não significativa entre os três e os quatro anos pode ser explicada através da proximidade entre estes grupos na utilização dos enunciados sem verbo, facto que não permite discriminar a voz utilizada.

CONCLUSÕES

Vamos de seguida focar os aspectos que nos parecem mais importantes em termos de conclusões a retirar.

1) Nos resultados que acabamos de apresentar os comportamentos linguísticos das crianças de seis anos não se distinguem significativamente dos do grupo dos cinco anos manifestando porém uma tendência para ser inferiores. Permitimo-nos adiantar aqui uma possível razão para este facto. Parece-nos que, pelo menos algumas das crianças de seis anos, estariam ainda no jardim de infância, integradas no grupo dos cinco anos, devido a uma certa imaturidade global, visto que algumas delas já teriam idade para frequentar a escola primária no ano lectivo em decurso. É provável que a análise de um grupo de crianças da mesma idade mas integradas na escola primária revelasse resultados superiores. Talvez não seja portanto adequado estudar o desenvolvimento linguístico das crianças de seis anos quando estas nos aparecem ainda integradas no contexto jardim de infância.

2) Confirma-se a nítida predominância no início do desenvolvimento linguístico complexo (dos dois aos três anos) das palavras-chave. De facto através apenas de três ou quatro categorias essenciais (substantivos, verbos, advérbios e adjectivos), a criança conseguiu durante um certo tempo exprimir a necessidade funcional da sua linguagem. Este vocabulário básico desenvolveu-se rapidamente em quantidade e qualidade para exprimir o fundamental contextualizado da criança desta idade e quando este se encontra suficientemente alargado (aproximadamente aos três anos de idade), a criança começa então a adquirir aquilo a que se pode chamar as subtilidades da sua língua. Estas subtilidades correspondem ao desenvolvimento da morfologia (ou seja, das várias palavras funcionais e dos acordos) e da morfo-sintaxe. Aqui também o desenvolvimento é progressivo e vai culminar aos cinco anos como se o desenvolvimento semântico, morfológico e sintático se reunissem num momento chave da aquisição — a passagem dos quatro para os cinco anos. Este fenómeno aliás induziu os primeiros psicolinguistas a darem como acabado o desenvolvimento linguístico antes da entrada para a escola primária, o que está actualmente desacreditado. O desenvolvimento linguístico até aos cinco anos é denominado de *precoce* para se diferenciar do desenvolvimento subsequente, dito *tardio* (seis a doze anos) o qual implicará grandes aquisições a nível da metalinguística, da metáfora, dos jogos de palavras, do humor linguístico, da voz passiva, das orações temporais e outras formas de subordinadas e ainda a nível de todo o desenvolvimento da linguagem escrita (leitura ou escrita).

3) A análise da homogeneidade intra-grupo etário será objecto de estudo posterior. Mas desde já é de assinalar que o grupo dos três anos se distingue pela falta de homogeneidade dos resultados, tal como é demonstrado pela grandeza do desvio-padrão. Exceptuando-se as categorias substantivos, verbos, voz activa, MLU de palavras e MLU de monemas, o desvio-padrão apresenta valores superiores aos da média. Assim, é interessante verificar que um baixo nível de variação interindividual corresponde às categorias imprescindíveis na utilização da linguagem funcional (substantivos e verbos), enquanto que nas categorias menos essenciais se verifica uma grande heterogeneidade intra-grupo etário.

4) O desenvolvimento do sintagma nominal não se efectua com o mesmo peso nas suas várias categorias. Os substantivos constituem a categoria que reflecte a grande maioria das aquisições, ultrapassando de longe os adjectivos e os advérbios. Vai ser preciso esperar mais tempo para ver os artigos, as preposições e certas conjunções (de coordenação) complexificar o sintagma nominal.

5) O desenvolvimento do sintagma verbal é largamente representado pelo aumento progressivo do modo indicativo e fica dependente da melhoria dos acordos em tempos, por exemplo. Nota-se uma adequação progressiva ao estilo de linguagem

utilizado na narração — substituição progressiva do presente pelo passado. O sintagma verbal fica dependente também dos acordos em pessoas e géneros (por exemplo, o verbo vai depender da utilização adequada dos pronomes e dos advérbios).

6) Finalmente, a expressão de um discurso mais fluente e complexo será permitida pela aquisição progressiva das conjunções de coordenação, de subordinação, assim como dos pronomes relativos. Estas várias maneiras de expôr as suas ideias linguisticamente farão passar a criança de três anos, que simplesmente põe lado a lado os enunciados pelo processo de justaposição, para a criança de quatro anos que começa a coordená-los ao seu nível mais simples graças às conjunções (*e, pois, mas, e depois*). Estes dois modos de encadear os enunciados (justaposição e coordenação) vão dominar o discurso infantil até aos cinco anos, durante o período da parataxe. A partir desta idade a criança vai começar a descobrir outros modos de ligar as orações entre si, como a subordinação. No início da hipotaxe a percentagem de subordinações é ainda reduzida.

Este estudo deu-nos boas indicações quantitativas das aquisições linguísticas, porém, fez-nos sentir ainda mais a necessidade de um estudo qualitativo sobre os tipos de aquisições em cada categoria, ou seja, quais os substantivos, quais os verbos, quais as preposições ou conjunções, etc., que a criança produz preferencialmente e qual o porquê do ponto de vista linguístico e cognitivo. Por exemplo, a conjunção *e*, muito utilizada pelas crianças, é responsável pelos valores elevados obtidos na categoria conjunções (cf. figura 2). Se atentarmos às funções desempenhadas por esta conjunção, verificamos que ela tanto liga duas palavras de igual valor semântico como liga duas orações ao nível sintático. O estudo da qualidade (diversidade) versus quantidade (repetições) em cada categoria torna-se assim indispensável.

Para finalizar, pensamos que, sendo a Psicolinguística uma ciência recente em Portugal, torna-se essencial para os investigadores compararem os seus estudos com os realizados noutras línguas europeias. À partida, parece-nos que existe, no nosso estudo, várias categorias (artigos, adjectivos, advérbios, etc.) que não seguem os padrões desenvolvimentais encontrados noutras línguas.

O estudo destes dois últimos aspectos — qualidade e comparação inter-linguístico — é o objecto da segunda etapa da nossa investigação, aliás já iniciada.

Notas

1 Este texto foi parcialmente apresentado na Convenção dos Psicólogos Portugueses (Lisboa, Nov. 1989).

2 A tomada de decisão acerca da inclusão da categoria advérbios no SN não é pacífica. Não cabe porém no âmbito deste trabalho fazer a sua discussão.

³ Mean Length of Utterance, no original. Optamos por adoptar a sigla MLU pela frequência com que é referida na literatura.

⁴ Os títulos dos livros são: *O meu ursinho*, *O meu dia*, *A hora da refeição*, *A hora do banho* e *O meu balão vermelho*, todos eles editados pela *Desabrochar*.

Referências Bibliográficas

BROWN, R. (1973) — *A first language*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

RONDAL, J.-A. (1978) — *Langage et education*. Bruxelles: Editions Pierre Mardaga.

ABSTRACT

In opposition to what happens with other languages, information concerning the acquisition of Portuguese language by preschool aged children is almost non-existent. This research is intended to be a first contribution to obtain these very basic results, as well as to provide some normative data. The aim of this study is to analyse the semantic-structural and morpho-syntactic levels of the linguistic production of one hundred and five boys and girls homogeneously distributed into four age groups (three, four, five and six years old), who were asked to tell a story based on the illustrations of a children's book.

— The analysis of the semantic-structural level took into account the following categories: nouns, adjectives, verbs, articles, adverbs, conjunctions and prepositions. On the other hand, the analysis of the morpho-syntactic level focused the Mean Length of Utterance (MLU) in words and in morphemes, the utterances without verbs, the syntactical types of sentences, the syntactical complexity, the active and passive forms and the verbal tenses and modes. The discussion of the results will take into consideration the cross-sectional age differences.

RÉSUMÉ

Au contraire de ce qui existe pour d'autres langues, des informations sur l'acquisition du Portugais par des enfants d'âge pré-scolaire sont inexistantes. Cette recherche a donc été conçue comme une première contribution pour obtenir les premiers résultats-base ainsi que pour fournir quelques données normatives. L'objectif de cette étude est d'analyser les niveaux sémantico-structurel et morpho-syntactique des productions linguistiques d'enfants âgés de trois à six ans. On a demandé à cent cinq garçons et filles distribués de façon homogène dans quatre groupes d'âges (trois, quatre, cinq et six ans) de raconter une histoire d'après les illustrations tirées d'un livre d'enfant.

L'analyse du niveau sémantico-structurel a considéré les catégories suivantes: noms, adjectifs, verbes, articles, adverbes, conjonctions et prépositions. L'analyse du niveau morpho-syntactique, elle, s'est concentrée sur l'étude de la Longueur Moyenne des Productions Verbales (dans le texte MLU de mots) et de la Moyenne des Morphèmes par Énoncé (dans le texte MLU de morphèmes), ainsi que sur les productions sans verbes, les types syntactiques, la complexité syntactique, les voix actives et passives, et les temps et modes verbaux. La discussion des résultats a également considéré les différences inter et intra groupes d'âges.